

# Captura Críptica

**O ACÚMULO DE UMA HERANÇA INVISÍVEL – RESENHA DO LIVRO *OS HERDEIROS*, DE BOURDIEU E PASSERON (2014)**

*THE ACCUMULATION OF AN INVISIBLE HERITAGE – REVIEW OF THE BOOK OS HERDEIROS, BY BOURDIEU AND PASSERON (2014)*

**Daniel Machado da Conceição<sup>1</sup>**

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. E-mail: danielmdac1@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6065-6656>.

Artigo recebido em 04/12/2022.

Aceito em 16/12/2022.

**Captura Críptica, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 261-267, 2021.**

**ISBN: 1984-6096**

---

<sup>1</sup> Doutor em Educação, Mestre em Educação e Cientista Social. Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisa Educação e Sociedade Contemporânea (NEPESC/UFSC).



**O ACÚMULO DE UMA HERANÇA INVISÍVEL – RESENHA  
DO LIVRO *OS HERDEIROS*, DE BOURDIEU E PASSERON  
(2014)**

*THE ACCUMULATION OF AN INVISIBLE HERITAGE – REVIEW  
OF THE BOOK OS HERDEIROS, BY BOURDIEU AND  
PASSERON (2014)*



A palavra herdeiro, no Código Civil brasileiro, possibilita identificar dois tipos ou espécies: herdeiros legítimos e testamentários. Do latim, *hereditarius* significa que a pessoa recebe algo ou é alvo do efeito de uma determinada situação, ou seja, é aquele que sucede alguém que morreu, recebendo seus bens. A herança também pode significar o aprendizado de uma tradição, arte ou ciência, proporcionando a continuidade do que foi transmitido para as gerações que se seguem.

O livro *Os herdeiros* (2014) destaca essa relação e apresenta as categorias incipientes que consolidariam os futuros trabalhos do sociólogo Pierre Bourdieu. Nesta obra em parceria com Jean-Claude Passeron, os termos campo, *habitus*, dominação masculina, poder simbólico e reprodução ainda não se constituem como categorias, mas eles são facilmente observados na maneira com que os autores descrevem os dados e no desvelamento do objeto de estudo. Escrito em 1964, o livro é anterior às obras *A reprodução* (1970), *Homo academicus* (1984) e *A nobreza de Estado* (1989), este último ainda não traduzido para o português.

A obra está dividida em três capítulos: “A escolha dos eleitos”; “Jogos sérios e jogos de seriedade”; “Aprendizes ou aprendizes de feiticeiro?”, todos os títulos muito apropriados. Também encontramos uma conclusão e apêndices com os gráficos e tabelas dos dados empíricos retirados de um conjunto de enquetes realizadas nos quadros do Centro de Sociologia Europeia. Na recente tradução para o português, feita por Ione Valle, consta ainda uma breve apresentação da obra.

Os autores dialogam com Karl Marx ao utilizar o conceito de dominação como forma relacional no jogo das disposições sociais de classes, e ao acionar a categoria *capital*. O sociólogo Émile Durkheim, por sua vez, auxilia os autores a pensarem na perspectiva crítica a

ilusão irrealista de toda reforma educacional construída sobre bases, exclusivamente, psicológicas, além de questionar o ideal de homogeneidade, o qual a escola seria capaz de produzir. Já Max Weber contribui com a descrição do tipo ideal de estudante, apresentado no capítulo três, e com as questões do poder carismático na relação entre professor e aluno.

O objetivo dos autores foi desvelar as relações presentes no sistema de ensino francês. O livro se constituiu como um relatório de pesquisa e expõe em suas linhas resultados que apresentam como o estudante de classe mais favorecida constrói sua trajetória escolar de maneira mais fácil que o estudante de classe menos favorecida.

O processo de escolarização acaba por favorecer os filhos da classe mais afortunada e, por consequência, se mostra bastante desafiador para a permanência na escola e futura escolha profissional dos filhos da classe menos favorecida. O livro *Os herdeiros* (2014) ganha importância, assim, por desmistificar a ideia de igualdade de acesso ao ensino como promotora de resultados homogêneos. Desvenda, portanto, que além da oportunidade de inserção e dos fatores econômicos, outros elementos fazem parte do êxito (desempenho) e permanência do estudante na escola.

A apreensão dos códigos existentes no sistema de ensino, um modo de ser e agir, reproduz uma cultura-valor presente e reconhecida por uma determinada classe, essencial para o bom desempenho dos estudantes. A internalização desses códigos se dá por meio da frequência a locais que possibilitam o contato com os valores professados, os quais serão, então, reconhecidos e valorizados no sistema de ensino. A não familiaridade com os códigos incorre em uma restrição de oportunidades e na atribuição de um destino possível, impossível ou normal, pensado na perspectiva do desempenho escolar e seu suposto potencial na construção dos projetos escolar, profissional e de vida.

No final do livro, mesmo ao observar esses mecanismos de reprodução e exclusão, os autores acabam por descrever uma alternativa para procurar fugir das armadilhas montadas pelo sistema de ensino. A saída seria uma pedagogia racional fundada na sociologia das desigualdades culturais, a qual contribuiria para reduzir a distância entre a escola e a cultura (BOURDIEU; PASSERON, 2014).

A escola, durante o século XX, fez parte de um plano de desenvolvimento baseado no princípio de democracia e igualdade de oportunidades. Os inúmeros desafios enfrentados por esse projeto sempre estiveram voltados para a ampliação de vagas e o acesso ao ensino. Os estudos de Bourdieu e Passeron (2014), ao desvelarem os jogos de relações no campo

universitário (escolar), mostram que o discurso das oportunidades acaba por promover um processo de exclusão baseado no mérito pessoal.

A meritocracia passa a representar uma herança que, naturalizada no indivíduo, permite que ele seja reconhecido como talentoso e hábil. Isso, de acordo com Marcel Mauss (2003), significa ser o mais adaptado às regras e aos códigos de conduta esperados, uma tradição de eficácia. O sistema de ensino e suas instituições promovem uma educação pautada em uma cultura-valor que, para aqueles que estão familiarizados, garante maior acessibilidade ao conjunto de mecanismos e elementos que contribuem para a permanência na escola e para o posterior projeto profissional.

Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron desenvolvem um argumento interessante sobre o tema da herança. Os autores realizam estudos focados na escola e no sistema de ensino francês, onde compreendem existir um acúmulo de herança que passa despercebida. A escola, como mote reprodutor das relações sociais de dominação, valoriza um determinado conhecimento, práticas, ações e atitudes relacionadas a uma cultura-valor. Ao fazerem esta observação, conseguem perceber que indivíduos podem acessar esses códigos de comportamento e de sociabilidade com maior facilidade que outros. No espaço escolar, a maneira com que o indivíduo se relaciona com o ambiente, professores, colegas e o próprio conteúdo curricular se faz permeada por uma herança invisível.

Essa herança invisível é mais do que acumular capital em bens tornando-se dependente dos mesmos: ela se faz através do acúmulo de capital cultural. Ela permanece, desse modo, com o agente detentor, sendo acionada na medida em que ele percorre os espaços nos quais os códigos e valores desse capital são reconhecidos.

A herança invisível possibilita às classes mais favorecidas, isto é, àqueles que frequentam e consomem uma cultura-valor, o aprendizado de um conjunto de saberes e visões de mundo que os capacita para um diálogo próximo com o professor e o conteúdo escolar. Dessa forma, os filhos das classes mais favorecidas têm maior chance de projetar sua vida futura com base na escolarização, ao contrário dos filhos das classes menos favorecidas, que necessitam mobilizar esforços para a superação de obstáculos na assimilação dos códigos aceitáveis. Bourdieu e Passeron indicam que, no primeiro caso, a cultura é transmitida por osmose (socialização) e, no segundo, por meio de aculturação.

A experiência socializadora dos rebentos da classe mais afortunada passa pela frequência (ação de frequentar) os espaços em que os valores aceitos pela escola são transmitidos e, posteriormente, reconhecidos. Esses espaços são os teatros, cinemas, museus,

bibliotecas etc. A herança invisível, o capital cultural, se acumula lentamente, sendo incorporada pelo indivíduo, ampliando seu vocabulário, conhecimentos, comportamentos etc. É um saber-ser e saber-fazer apreendido de maneira progressiva em conversas e observações. Ao manipular as benesses dessa herança invisível, a habilidade ao falar ou responder aquilo que é esperado, o indivíduo passa a ser reconhecido como talentoso, possuidor de um dom. Isso, associado ao princípio da igualdade de chance, atribui a ele uma capacidade especial reconhecida como mérito pessoal.

As vocações escolares, ou a ausência delas, são percepções e atribuições cotidianas que determinam, de acordo com os meios sociais do indivíduo, uma imagem / perspectiva do ensino superior como um futuro impossível, possível ou normal. As determinações são aceitas como horizontes de destino daqueles que ingressam na escolarização passando a representar sua condição na relação com o sistema de ensino. “O peso da hereditariedade cultural é tão grande que nele se pode encerrar-se de maneira exclusiva sem ter necessidade de excluir, pois tudo se passa como se somente fossem excluídos os que se excluem” (BOURDIEU; PASSERON, 2014, p. 44)

Os que se excluem são aqueles que não se adaptam, os conformados com pouca herança invisível que não os possibilita serem reconhecidos como merecedores ou possuidores de dons. Para Bourdieu e Passeron, o sistema de ensino democrático e igualitário, mais do que incluir, acaba por excluir os indivíduos, atribuindo-lhes a responsabilidade por seu infortúnio, pois eles é que não seriam talentosos. Expressada por meio de uma violência simbólica, a escola assegura a perpetuação do privilégio social da classe mais afortunada e/ou dominante.

A universidade congrega um jogo intrínseco ainda mais cruel, ou melhor, mais legitimado, pois o conhecimento acadêmico guarda uma aura intelectualizada e científica que, na maioria das vezes, permanece descolada da realidade social. Assim, os autores podem afirmar que “apesar da aparência, a universidade sempre prega aos convertidos” (BOURDIEU; PASSERON, 2014, p. 63).

Toda a estrutura estruturada da universidade que passa pela noção própria de um tempo social (semestres), de lugares para conversas como bares e cafés, os departamentos, as cadeiras (disciplinas), o corpo docente, os inúmeros seminários, congressos e tantas outras oportunidades de interação que permitem um conhecimento de posturas, falas e gestos, favorecem aqueles que dispõem do tempo necessário para tal incursão (DA CONCEIÇÃO; MEZZARROBA, 2020). Novamente, a categoria estudante, que no conhecimento ordinário se

torna homogênea, na verdade acaba por não levar em consideração as discrepâncias entre os projetos pessoais e suas possibilidades de conclusão.

A proximidade dos cenáculos, o conhecimento das nuances que os separam e que são perceptíveis somente pelos iniciados em primeira pessoa ou por pessoa interposta, ou, melhor ainda, pelos que pertencem pelo nascimento à família restrita ou expandida dos intelectuais, enfim todo o capital de informações que somente se adquire pela frequência dos seminários, das conferências, dos debates ou dos meetings, pela leitura das revistas em moda ou pela participação nos grupelhos sempre frequentados por algum intermediário informado, dá aos grandes debates teóricos um sabor de fofoca e autoriza uma familiaridade, ao mesmo tempo sacralizante e dessacralizante [...] (BOURDIEU; PASSERON, 2014, p. 69).

Para os estudantes da classe mais favorecida, a despreocupação em manter a própria subsistência permite maior frequência à estrutura estruturada dos espaços universitários, internalizando a estrutura estruturante do convívio com seu corpo acadêmico e a instituição como um todo. Diferentemente, para o estudante menos favorecido, o tempo é dividido entre estudo e trabalho, ou na busca por superar seu *handicap* ao acelerar uma possível equalização das diferenças na herança invisível. Neste ponto, os autores marcam a distinção entre projetos vagos e projetos objetivos. Outra vez, o sistema de ensino exclui mais do que inclui, pois busca recrutar aqueles que se enquadram nos jogos de inteligência.

Os novatos da inteligência são recrutados sobretudo entre os estudantes de origem burguesa porque os jogos de inteligência livre supõem que os estudos sejam vividos como um jogo que exclui qualquer outra sanção que não é definida pela regra do jogo e não como uma aprendizagem submetida à prova do sucesso profissional (BOURDIEU; PASSERON, 2014, p. 71).

As regras do jogo envolvem um *métier* de estudante, um comportamento esperado entre a “besta de concursos” e o “diletante”. Essa tensão, que não significa, necessariamente, a polarização entre ser um ou outro, também fornece aos professores seu *métier* professoral. Evocando o poder carismático de Weber, assim como a relação de troca e dom de Marcel Mauss (2003), os autores demonstram como os agentes, professores e estudantes (aprendizes), negociam sua relação com base em categorias que mobilizam estratégias de interesse.

A regularidade, que Bourdieu e Passeron propõem no livro, diz que: “os estudantes das classes cultas são os melhores (ou menos mal) preparados para se adaptar a um sistema de exigências difusas e implícitas, pois detêm, implicitamente, o meio de satisfazê-lo” (BOURDIEU; PASSERON, 2014, p. 100).

Portanto, são por vias secretas e amplamente legitimadas que o sistema de ensino atua na fabricação de uma verdadeira aristocracia social, obscurecendo a dimensão meramente formal do princípio da igualdade de oportunidades, que está no fundamento dos sistemas

educacionais. A inviabilidade do projeto de homogeneização produz, ou melhor, reproduz uma condição de distinção que procura manter a ordem da relação de dominação entre as classes. Os capitais (econômico, social e cultural) têm importância, principalmente aquele transmitido por meio de uma herança invisível, o capital cultural, que como moeda de troca é um grande investimento dentro do sistema educacional e que pode garantir o futuro esperado.

### Referências

BOURDIEU, Pierre. **Os herdeiros**: os estudantes e a cultura. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

DA CONCEIÇÃO, D. M.; MEZZARROBA, C. Aprender o ofício acadêmico: impressões etnográficas sobre espaços de formação profissional no Ensino Superior. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 9, n. 8, p. e132985555, 2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/5555>. Acesso em: 26 nov. 2022.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. SP: Cosac Naify, 2003. p. 399 – 423.

MEZZARROBA, C.; CONCEIÇÃO, D. M. da. “Os herdeiros”: questões sobre o campo esportivo. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 15, n. 29, p. 317 - 340, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723815292014317>. Acesso em: 26 nov. 2022.